

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE CRISE: DIFICULDADES E DESAFIOS NO ENSINO À DISTÂNCIA DEVIDO À COVID-19

Emilly Shinkoda Morais¹, Isabelle Fernandes de Oliveira², Lucas Resende Soares³

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Anatomia e Imagem,
emilly.shinkoda@gmail.com

² Universidade de Minas Gerais, Departamento de Estatística, isabelleferoliveira@gmail.com

³ Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas-Artes, lresendesoes@gmail.com

Resumo: A COVID-19, de forma rápida, fez com que fosse necessária a adequação dos sistemas educacionais a uma nova forma de organização e na relação entre ensino e aprendizagem. Ainda, evidenciou as diferenças sociais e econômicas que dificultam o acesso igualitário ao ensino de qualidade. Com este trabalho abordaremos os desafios e dificuldades frente ao período pandêmico e como o acesso às ferramentas digitais impactou não somente o ensino, mas obrigou famílias a se reconfigurarem para continuidade da educação em seus lares. (80 PALAVRAS)

Palavras-chave: educação; ensino remoto emergencial; EaD; COVID-19.

1. Introdução

O ano de 2020 iniciou-se com um marco histórico e será lembrado por muitos nas próximas décadas. Trata-se do surgimento de um novo vírus em território Chinês ao final do ano de 2019. Mesmo que a letalidade deste vírus não seja tão elevada (aproximadamente 5%), a velocidade de contaminação é alta. Essa última característica permitiu ao vírus SARS-Cov-2 (coronavírus) causar uma das maiores epidemias vistas na história e levando a OMS, Organização Mundial da Saúde, no dia 11 de março de 2020, a declarar pandemia de coronavírus. Para conter essa transmissão elevada do vírus, o mundo engajou-se em política de isolamento social. O Brasil, inserido na mesma circunstância, também precisou adotar essa política.

Entre os diversos setores afetados pela pandemia, a educação foi um deles. Isso é esperado, já que escolas e universidades são espaços que propiciam altos níveis de aglomeração de pessoas e, portanto, são locais alvos da política de isolamento social. Além disso, crianças e jovens, inseridos no ambiente de ensino, estão em constante contato com adultos pertencentes a outros grupos familiares:

professores, pais e avós. Diante desse contexto, o presente artigo tem como objetivo discutir sobre os desafios e dificuldades frente à nova realidade imposta pela pandemia do COVID-19, no cotidiano da educação brasileira; Para isso, foi realizado uma análise da literatura, na qual foram selecionados trabalhos acadêmicos que tratam sobre o tema Ensino à Distância, bem como impressões e relatos de profissionais inseridos no contexto de ensino remoto em decorrência pela pandemia. Além disso, foi feita uma análise de dados a fim de traçar um breve panorama do fechamento das escolas no mundo.

O presente organiza-se em mais quatro partes, além desta introdução: A seção dois apresenta o panorama do fechamento das escolas no mundo. A seção três explana as dificuldades e desafios enfrentados pela educação básica e pública diante da realidade imposta e adoção do ensino remoto. Por fim, a seção quatro conclui o breve estudo, retomando as ideias principais discutidas.

2. A pandemia e o fechamento das escolas

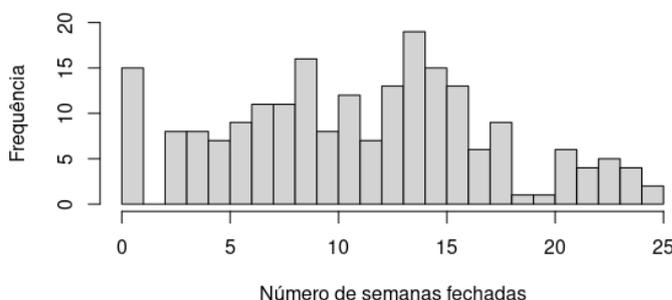


Gráfico 1 - Número de semanas em que as escolas estiveram totalmente fechadas no período de março a agosto de 2020. Fonte: UNESCO, 2021

O Gráfico 1 mostra o número de semanas em que as escolas permaneceram fechadas no período entre março à agosto de 2020 praticado por 210 países. Percebe-se que o número de semanas que as escolas permaneceram fechadas variam de 1 a 25 semanas. Além disso, a maioria dos países fecharam suas escolas por até 18 semanas.

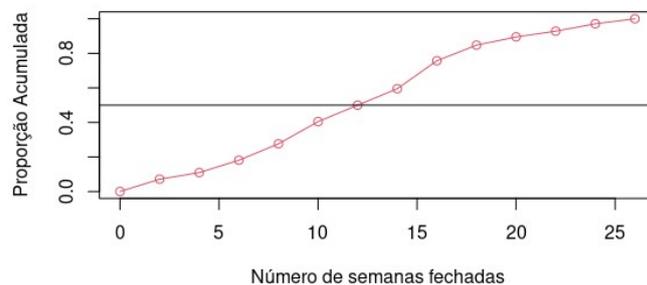


Gráfico 2 – Proporção acumulada do número de semanas fechadas das escolas praticado pelos países no período de março a agosto de 2020. Fonte: UNESCO, 2021

O Gráfico 2 mostra a proporção acumulada do número de semanas fechadas das escolas praticado pelos países no período de março a agosto de 2020. Nele, percebe-se que 50% dos países fecharam suas escolas em até 13 semanas, aproximadamente. Em especial, no Brasil, esse fechamento foi por todo o período analisado.

3. Desafios e desigualdades enfrentados pela Educação

A modalidade de ensino a distância (EaD), surgiu inicialmente para atender às demandas do ensino superior, como a redução dos custos, a necessidade de estender as oportunidades de formação e aperfeiçoamento profissional, e também por permitir que alunos geograficamente distantes possam atender às aulas em seu tempo e ritmo próprios. Este ambiente de aprendizado possibilitou que o aluno desenvolvesse habilidades e competências cognitivas como a autonomia, autodisciplina e criatividade, o que fez com que o aluno se tornasse o principal responsável por sua própria formação (Fettermann; Tamariz, 2020).

Entretanto, a educação on-line ou remota é uma modalidade diferente da EaD. Nesta, as ações se desenvolvem a partir de videoconferências através de diversas plataformas hoje disponíveis. Para que esta ferramenta funcione de maneira correta, é preciso que o ambiente virtual seja favorável à aprendizagem e possua materiais e atividades compatíveis ao ensino on-line (Fettermann; Tamariz, 2020).

Com a substituição das aulas presenciais pela educação virtual, houve uma

mudança rápida e imperativa tanto para as instituições de ensino como para os alunos e suas famílias. Mães, pais e outros responsáveis precisaram se adequar em um papel de maior responsabilidade sobre o ensino das crianças e adolescentes, em um período no qual as condições de trabalho e a economia estão em um momento de incertezas.

Além da vivência de um momento inédito na educação, não era esperado que a suspensão das atividades presenciais se prolongaria por tanto tempo. De tal modo, com a demora na retomada dos encontros presenciais, as instituições de ensino precisaram se adequar e desenvolver um planejamento para o acolhimento dos alunos de forma remota.

No entanto, é imprescindível ressaltar que o acesso às tecnologias digitais para acompanhar o ensino remoto não é universal, em termos de conhecimento e habilidades dos docentes frente ao uso plataformas de ensino digital, isto é, na execução do sistema e adequação da pedagogia à realidade das aulas síncronas e assíncronas.

Muitas são as dificuldades apresentadas na proposta de ensino que tem sido feita devido ao agravamento e a impossibilidade de poder frequentar as escolas. Num recorte da educação básica e pública, isso se mostra de forma muito mais grave, pois mesmo com atividades presenciais e regulares anteriores à doença denominada COVID-19, a desigualdade social já era um fator definidor sobre o sucesso escolar. Mesmo com políticas que garantiam o acesso diário de forma igualitária, como: alimentação, material escolar e espaço adequado à aprendizagem, sabe-se que isso acontecia somente quando se estava na escola.

Com o agravamento do contágio, medidas de ensino remoto foram tomadas, para que o acesso à educação tivesse continuidade. O que as secretarias de ensino mencionam como ensino remoto, é algo semelhante ao EAD (educação de ensino à distância), mas que na prática é completamente diferente.

Mesmo que a proposta seja essa, relatos por professores demonstram ações que não condizem com a ideia pretendida da educação de forma remota. O que se percebe, na prática, é que esse tipo de ensino não consegue alcançar a todos de uma forma em que os alunos de fato possam aprender e que os professores de fato



possam ensinar. Há uma enorme defasagem na entrega do material e na possibilidade de os alunos acessarem conteúdos oferecidos.

Um dos modos de entrega de atividades é via WhatsApp. Entretanto, em um momento em que o desemprego atinge cada vez mais famílias que utilizam o ensino público, o acesso a esse tipo de plataforma pode ser limitado ou mesmo inexistente. Como é possível, famílias com um número limitado de dados e aparelhos, cumprir as atividades demandadas pela escola? Além de discrepâncias devido a oportunidade de acessos, é relevante ressaltar, em qual estado emocional, esse aluno e família se encontram. Questões de necessidade básica, muitas vezes são motivos de desistência e de impossibilidade de continuar os estudos. Além disso, professores entrevistados do ensino público, relatam a dificuldade na educação e escolarização, que não tenha contato físico, que não tenha afeto, como citada pela diretora Kelly, 40 anos, há 18 anos trabalhando como professora:

“Não existe ensino a distância pro (sic) ensino fundamental, eles dizem que o nome disso é ensino remoto. Sabemos que não estamos alcançando nem metade da escola com essas atividades, mesmo com os professores se disponibilizando e a gente sendo cobrado sem parar. Educação precisa de encontro físico, ela é socioafetiva, não há aprendizagem sem afeto. Estamos só aumentando a desigualdade e produzindo mais miséria assim, isso não é educação.” (CUNHA; SCRIVANO; VIEIRA, 2020)

A partir de experiências relatadas e vivificadas, pode-se perceber que apesar dos esforços, a experiência remota no ensino público, não consegue alcançar com igualdade os alunos que estão inseridos na rede. O que se vê é justamente o contrário: aumenta ainda mais a desigualdade de acesso dos alunos à Educação, por meio do seu *modus operandi*. Por outro lado, será a partir do recolhimento de dados sobre esse novo modo de educação, que será possível discutir e avançar em práticas que integralizam, cada vez mais, os alunos, seres sociais críticos, que serão adultos no amanhã pós-pandêmico.

4. Conclusão

A pandemia do coronavírus evidenciou ainda mais as desigualdades da população brasileira na educação e, para muitos alunos e alunas, trouxe déficits no



aprendizado, na sociabilidade e na construção da cidadania.

A retomada gradativa das aulas presenciais, iniciada no segundo semestre de 2021 em todo o Brasil, traz perspectivas de melhora para este cenário e a partir dela poderemos avaliar os reais impactos deste longo período de ensino remoto. Portanto, faz-se necessária a continuidade dos estudos sobre este período crítico para a educação, a fim de estimarmos as perdas socioeducativas sofridas pelos alunos de toda a educação básica e fundamental, bem como as dificuldades que serão enfrentadas no ensino superior ou no mercado de trabalho pelos concluintes do ensino médio nos anos de 2020 e 2021.

Referências

CUNHA, Thiago Colmenero; SCRIVANO, Isabel; VIEIRA, Erick da Silva. EDUCAÇÃO BÁSICA EM TEMPOS DE PANDEMIA: padronizada, remota, domiciliar e desigual. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, p. 118-139, 10 dez. 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/riae.2020.51907>. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/51907>>. Acesso em: 28 jul. 2021.

FETTERMANN, Joyce Vieira; TAMARIZ, Annabell Dell Real. Ensino remoto e ressignificação de práticas e papéis na educação. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 1-10, 27 abr. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/24941>>. Acesso em: 08 jul. 2021.

UNESCO, 2021. COVID-19 impact on education. Disponível em: <<https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>>. Acesso em: 29 jul. 2021.